

(In)visibilidade das questões de gênero e sexualidade: diálogos com jovens estudantes em uma escola de ensino médio

RESUMO

Este artigo aborda questões de gênero e sexualidade atreladas à identidade, a partir de pesquisa realizada com jovens estudantes de uma escola estadual de Ensino Médio, localizada no município de São Gabriel, Bahia. Apresenta contribuições das teorias pós-críticas em educação entrelaçadas aos diálogos contemporâneos sobre a juventude, buscando compreender a realidade dos/as participantes e como constituem suas identidades culturais. A opção metodológica da pesquisa considerou a abordagem qualitativa pelo contato direto com a situação estudada, através da Etnopesquisa com a observação participante e também, questionário e tertúlias dialógicas culturais para a construção das informações junto aos/às participantes. Desse modo, o estudo aponta que os/as jovens estudantes buscam por maiores espaços de expressão e afirmação de suas identidades, ao mesmo tempo em que indicam à escola a necessidade de repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas em seu contexto, para valorizar seus interesses e expectativas e considerar a diversidade presente.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Diversidade. Identidade de gênero. Sexualidade.

Edilania de Paiva Silva
edipaivasn@hotmail.com
Universidade do Estado da
Bahia, Jacobina, Bahia,
Brasil.

**Emanuela O. Carvalho
Dourado**
emanueladourado2003@y
ahoo.com.br
Universidade Do Estado Da
Bahia, Irecê, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem se intensificado a expansão dos mercados e da comercialização de bens culturais, bem como a liberação das fronteiras com a transnacionalização das tecnologias da informação e comunicação. Nesse cenário, a globalização se apresenta gerando um processo de inúmeras transformações que afetam as estruturas políticas e econômicas, as relações entre o eu e o outro e a vida cotidiana, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, colocam as identidades como uma pauta necessária no final do século XX.

A sociedade contemporânea convive com uma nova “paisagem” configurada pelo fenômeno da globalização, na qual os processos de hibridização, mistura, encontros e trocas culturais, produzem identidades novas e globalizadas. Neste contexto de fluidez e crescente angústia, Zygmunt Bauman (2005, p. 22-23, grifos do autor) observa que, atualmente, a “identidade é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência”. Desse modo, a partir da década de 1990, os debates teóricos foram marcados pelas teorias pós-críticas e categorias do pensamento pós-moderno, dentre elas os estudos culturais, as quais inserem as temáticas da identidade e da diferença como questões centrais nas discussões contemporâneas.

Ao definir a identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall (2015, p. 09) argumenta que a identidade é construída historicamente e que o sujeito, até aqui visto como unificado, agora é composto não de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias e não resolvidas. Desta forma, o autor destaca três concepções diferentes para explicar a “crise de identidade” que transformou as sociedades na contemporaneidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

A primeira concepção - o sujeito do Iluminismo – baseava-se numa concepção muito individualista do sujeito e da identidade dele, um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, que surgia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. Já a ideia do sujeito sociológico, para Hall (2015), refletia a complexidade do mundo moderno no qual a identidade é formada na interação do sujeito com o outro, com a cultura e a sociedade, de forma que a identidade se constitui o eixo que preenche o espaço entre o eu interior com o exterior.

No processo contemporâneo de fragmentação das identidades nasce a terceira concepção de sujeito, o pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa, mas cujas identidades são formadas e transformadas continuamente, tornando-se uma “celebração móvel”. (HALL, 2015). Diante disso, pode-se inferir que o sujeito do Iluminismo foi descentrado e, agora assume identidades variáveis, contraditórias, provisórias e inacabadas do sujeito pós-moderno, que rompe, também, com o sujeito sociológico que é visto sob perspectiva dentro da construção da essência interior pela interatividade com o exterior.

Os efeitos dessas mudanças sobre as sociedades globais e seu papel na constituição das identidades e subjetividades implicam na “fabricação de diferenças dos sujeitos participantes da sociedade contemporânea” (GODOY e SANTOS, 2014, p. 30) e afetam, sem dúvida, a construção das identidades sexuais e de gênero. Nesse sentido, a diversidade cultural está presente em toda a sociedade e no seu interior surgem antagonismos, conflitos e diferenças que marcam as fronteiras entre os diversos grupos sociais, sendo que cada um “zela”

pelos elementos que constituem a sua identidade e pelo respeito às suas singularidades.

É nesse entendimento que o presente texto tem como objetivo central abordar questões de gênero e sexualidade atreladas à identidade, considerando os pressupostos teóricos pós-críticos em educação entrelaçados aos diálogos contemporâneos sobre a juventude. Essas reflexões vinculam-se às atividades desenvolvidas na pesquisa Jovens... estudantes... e do campo: expressão da diversidade e diálogos sobre identidade em uma escola da cidade, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), colaborativamente, com os/as jovens estudantes do campo que estudam em uma escola da cidade, localizada no município de São Gabriel, Bahia. O interesse em investigar as identidades juvenis e compreender como esses/as constituem suas identidades culturais se justifica pela prática profissional de uma das autoras, que atua como coordenadora pedagógica em uma escola estadual de Ensino Médio.

A partir da realidade vivenciada pela coordenadora desde que chegou à instituição escolar, destacamos que não parece um exercício fácil romper com a lógica moderna e os discursos naturalizados, que se instituiu na escola e em outras instituições, pois enfatizam a valorização das matrizes identitárias de gênero, de raça/etnia e de sexualidade a partir de referenciais hegemônicos de um sujeito universal: adulto, masculino, branco e heterossexual. As dificuldades enfrentadas pela maioria dos/as profissionais da escola, em lidar com a diversidade presente no contexto escolar, se tornam evidentes quando se presencia algumas expressões, opiniões e 'falas' que revelam certa carga de preconceito e discriminação, no que tange às questões de gênero e sexualidade, diversidade sexual, entre outras.

Diante desse contexto, o estudo indagou algumas questões, como as que elencamos a seguir: Quais as dimensões da diversidade marcam o perfil dos/as jovens estudantes do Ensino Médio? Quais aspectos constituem os seus universos socioculturais e quais elementos favorecem a sua constituição identitária? Estas questões direcionaram o estudo investigativo para compreendermos como os/as jovens estudantes do campo constituem suas identidades culturais, visando elencar aspectos a serem considerados nas práticas pedagógicas vivenciadas pela instituição escolar.

Desse modo, este trabalho é composto por duas seções distintas e complementares, as quais caracterizam um recorte da pesquisa que foi realizada com os/as jovens estudantes. A primeira seção apresenta uma breve síntese sobre os aspectos metodológicos que nortearam a investigação, aliando-se ao perfil sociográfico dos/as participantes da pesquisa. Na seção seguinte, abordamos algumas contribuições das questões de gênero, sexualidade e identidade entrelaçando às narrativas dos/as jovens estudantes.

A PESQUISA COM OS/AS JOVENS ESTUDANTES DO CAMPO

Com as transformações ocasionadas pelo movimento de rupturas paradigmáticas, ao longo do século XX, acontecem mudanças nas formas de explicar e entender o mundo, impulsionando os/as pesquisadores/as sociais a se mobilizarem em busca de novos processos investigativos, pondo em xeque os princípios da tradição clássica moderna que tinha como marca central o uso de

métodos neutros e universais e uma verdade última a ser encontrada. Aliada ao contexto de profundas mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e socioculturais, já não se pesquisava nem produzia ciência utilizando os mesmos métodos de investigação e, por sua vez, “[...] todo o conjunto de certezas que constituíram os pilares do pensamento moderno estaria entrando em crise”. (COSTA, 2007, p. 143).

Em consonância com esse movimento, esta investigação de natureza qualitativa orienta a ação do/a pesquisador/a e propõe compreender e interpretar a realidade, possibilitando a expressão das experiências e singularidades dos sujeitos, ideias, opiniões, introduzindo assim uma nova visão que contextualiza os fenômenos sociais. (BOGDAN E BIKLEN, 1994; MINAYO, 2008; POUPART, 2008; CHIZZOTTI, 2010; CRESWELL, 2014). A pesquisa adotou a Etnopesquisa, reafirmando com Barbosa (2008) que ela busca compreender os sujeitos observados e suas práticas como parte de um conjunto inseparável, para que possam participar de todo o processo investigativo.

Aliando a essas possibilidades, insere as teorizações pós-críticas em educação, na tentativa de desconstruir alguns conceitos e verdades que sustentam a concepção e a existência de um sujeito humanista e universal, a ideia de racionalidade e progresso e o pensamento fundado em binarismos. O trabalho de campo com os/as jovens estudantes foi realizado no período de dezembro/2017 a abril/2018 e, para o levantamento e construção das informações utilizou-se dos seguintes dispositivos: questionário, observação participante e tertúlia dialógica cultural¹.

Destacamos neste artigo, conhecimentos produzidos a partir de algumas informações oriundas, especialmente, da aplicação do questionário que foi utilizado para a seleção dos/as participantes para as próximas etapas investigativas e construção de um perfil sociográfico. Inicialmente, este dispositivo contou com a participação de 68 jovens estudantes e, depois de considerar os critérios de inclusão e exclusão definidos para a investigação, alguns/as não puderam continuar. Após o trabalho prévio de análise dos questionários foi constituído o grupo de participantes, conforme Tabela 1, que detalha a fase inicial da pesquisa.

Tabela 01: Jovens estudantes participantes da pesquisa, 2017/2018.

SITUAÇÃO	Homens	Mulheres	Total
Questionários aplicados	27	41	68
Local de moradia – Cidade	07	07	14
Faixa etária – superior a 18 anos	01	03	04
Não interesse p/ pesquisa	03	08	11
Mudança de condição ²	01	04	05
Desistiram da pesquisa	06	08	14
Participantes da pesquisa	09	11	20

Fonte: Dados da pesquisa 2017/2018.

A partir da seleção dos/as jovens participantes da pesquisa foram realizadas três tertúlias dialógicas e a observação participante e, com as informações levantadas na segunda tertúlia dialógica cultural, realizada sobre o tópico Juventude, sexualidade e relações de gênero, apresentamos algumas

contribuições e falas dos/as participantes, cujas discussões foram construídas no âmbito da dissertação de mestrado.

As informações construídas no âmbito escolar foram objeto de termos de Consentimento Livre e Esclarecido, e de autorizações dos/as participantes e seus responsáveis, quando menores, bem como da direção da instituição. Vale ressaltar que para preservar o anonimato das fontes, os/as participantes não estão identificados no texto, motivo pelo qual a fala dos/as jovens estudantes aparece com pseudônimos, utilizando o nome das cores. As narrativas apresentadas foram gravadas e transcritas, sendo que todo o material – áudio e transcrição – está guardado sob responsabilidade da pesquisadora, conforme legislação pertinente.

Perfil sociográfico dos/as participantes

A proposta de se compreender a expressão da diversidade e a constituição das identidades culturais dos/as jovens estudantes do campo que estudam numa escola da cidade evidenciou pontos para inúmeras possibilidades de resignificação das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar. A intenção foi investigar para intervir na realidade e considerar a diversidade presente no cotidiano escolar, valorizando as expectativas, interesses e necessidades dos/as estudantes. Considerando que os/as jovens estudantes pesquisados/as estão inseridos em diversos universos culturais, conseqüentemente vivenciam múltiplas experiências de acordo com o contexto sociocultural onde se inserem e as especificidades que marcam a vida de cada um/a, bem como pelas posições que eles/as assumem e se identificam.

Nesta perspectiva, o questionário solicitou dos/as participantes informações como idade, gênero/sexo, pertencimento étnico-racial, religiosidade, localidade de moradia, distância entre a comunidade e a escola, entre outras, exigindo-se deles/as que assumissem diferentes posições de sujeito e, portanto, distintas identidades. Para Tomaz T. da Silva (2014), a afirmação da identidade significa demarcar fronteiras, implica dizer “o que somos” e “o que não somos”, fazer distinção entre o que fica dentro e o que fica fora, mesmo que para isso se assumam contradições pela provisoriade identitária contemporânea.

O mesmo autor afirma que a princípio parece ser fácil e simples definir “identidade”, pois esta é simplesmente aquilo que somos, por exemplo: “sou homem”, “sou jovem”, “sou heterossexual”. Nessa mesma linha, a “diferença” também é concebida como algo que remete a si própria. “Apenas neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: [...], ‘ela é homossexual’, ‘ela é velha’, ‘ela é mulher’ [...]”. (SILVA, 2014, p. 74, grifos do autor).

Desse modo, é preciso caracterizá-los/as a partir da interseção de diversos aspectos, contemplando categorias, como: idade, sexo/gênero, identidade religiosa, bem como raça/etnia, orientação sexual, entre outras que marcam a expressão da diversidade e identidade dos/as jovens estudantes, não podemos, neste trabalho, abrir mão do conceito de interseccionalidade, visto que se forem consideradas de forma isolada implicará na constituição de um perfil linear, dicotomizado sob a lógica binária, impedindo um olhar interseccionalizado.

Segundo Helena Hirata (2014), o conceito de interseccionalidade foi desenvolvido nos países anglo-saxônicos dentro de um quadro interdisciplinar,

proposto por K. Crenshaw e outras pesquisadoras feministas negras, no início dos anos de 1990. A autora aborda que “a interseccionalidade é uma proposta para levar em conta as múltiplas fontes da identidade [...]” (HIRATA, 2014, p. 62) e, como elas se intersectam formando identidades fragmentadas e em constante movimento.

Para tanto, a pesquisa contou com a participação de 20 jovens estudantes do Ensino Médio, dentre estes/as 09 são homens e 11 mulheres, com faixa etária de 15 a 18 anos, sendo 16 estudantes que se situam na idade de 15-16 anos e 04 que estão com a idade de 17-18 anos.

Sobre a relação entre o gênero e a raça/etnia, têm-se: para o gênero feminino 03 meninas que se autodeclararam ‘morenas’, 02 se definiram como ‘brancas’, 03 ‘pardas’ e 03 ‘negras’; enquanto que os estudantes do gênero masculino 03 são ‘morenos’, 01 se autodeclara ‘branco’, 03 ‘negros’, 01 se definiu como ‘pardo’ e 01 ‘amarelo’. Considerando a abordagem feita por Guacira L. Louro (1997), gênero pode ser definido, neste estudo, como aquilo que identifica e diferencia socialmente os homens das mulheres, ou seja, refere-se à construção social do sexo biológico.

Quanto à identidade religiosa, em sua maioria, os/as estudantes declararam ter alguma religião e, analisando cada denominação religiosa, tem-se um quadro formado por um grupo maior de estudantes que são da religião Católica Apostólica Romana (11), seguida por um grupo que respondeu não ter religião (07). Ainda tem-se 01 estudante da religião evangélica, além de 01 que não respondeu sobre sua crença religiosa.

Dependendo de como o desejo sexual e os afetos de uma pessoa se mobilizam, por pessoas de outro ou do mesmo sexo, ou dos dois sexos, dizemos que a orientação sexual se define em heterossexual, homossexual ou bissexual. Ao serem questionados/as sobre a orientação sexual, dentre os/as 20 jovens estudantes do campo apenas 01 pessoa se declarou “bissexual”, enquanto que os/as demais estudantes (19) afirmam que sentem atração sexual pelo gênero oposto, neste caso são “heterossexuais”. Quanto à identidade de gênero todos/as os/as estudantes se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, portanto, “cisgêneros”.

Como já mencionado, Hall (2015, p. 11) destaca o processo de fragmentação das identidades, no qual convive um sujeito descentrado e, argumenta que “[...] isso está modificando as paisagens culturais de classe, de gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais [...]”. Para ele,

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2015, p.12).

O conjunto de informações apresenta as singularidades e as identidades dos/as participantes da pesquisa que demonstram sua subjetividade, de forma interseccionalizada, contemplando múltiplas categorias em uma heterogeneidade emergente. Desta forma, considera-se que os/as jovens estudantes não assumem uma posição fixa com identidades puras, unificadas e permanentes, mas tornam-

se sujeitos fragmentados que se afastam das “singularidades de classe ou gênero, como categorias conceituais e organizacionais básicas” (BHABHA, 2013, p. 20), assumindo outras posições de identidade como construções híbridas, especialmente quando consideramos que são jovens que moram no campo e diariamente se deslocam para estudar na cidade.

RELAÇÕES DE GÊNERO E MASCULINIDADES NA JUVENTUDE

Neste artigo, destacaremos a perspectiva de desconstrução de binarismos e das discussões em torno das relações de gênero e sexualidade, compreendendo ser necessário romper o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, para que se incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente, de formas diversas das hegemônicas. Desse modo, a investigação para uma intervenção no espaço escolar, abre a discussão das diversidades, diferenças e identidades visando contribuir para o rompimento da discriminação e do preconceito que inferiorizam e que são culturalmente construídos.

Numa sociedade, na qual vivenciamos várias mudanças culturais ao longo da história, se torna cada vez mais recorrente as manifestações de preconceito, discriminação e até diversas agressões contra os sujeitos que se desviam dos padrões binários e heteronormativos. Analídia Petry e Dagmar Meyer (2011) compreendem o termo ‘heteronormatividade’ como aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, sendo a heterossexualidade instituída como possibilidade única e legítima de expressão sexual e de gênero.

Segundo Louro (2018, p. 18),

[...] a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão “os outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como o “segundo sexo”, e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Como ponto de partida, podemos considerar que o próprio conceito de gênero, segundo Silva (2004), é relativamente recente e se refere aos aspectos socialmente construídos e não algo naturalmente dado. Sobre o sentido do termo, a historiadora Joan Scott (1995) aborda que o conceito de gênero surgiu inicialmente entre as feministas americanas que traziam a possibilidade de se pensar tal conceito a partir das relações sociais que, de certo modo, faz conexões com as relações de poder na sociedade. A autora afirma que gênero pode ser conceituado como “uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995, p. 88).

Ao considerar o gênero como “constituente da identidade dos sujeitos”, Louro (1997, p. 25) refere-se a este como algo que transcende o mero desempenho de papéis sociais. Para a autora, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou

femininos, ocupando seus lugares sociais, suas formas de ser e de estar no mundo, ao mesmo tempo em que podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, visto que as identidades estão sempre se constituindo e, portanto, são passíveis de transformação.

Reafirmando a perspectiva apresentada por Louro (1997), Kathryn Woodward (2014, p. 32), afirma que as identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações. Nesse sentido, durante a fase de aplicação do questionário foi possível captar uma situação/cena observada que revela o silenciamento que emerge do cotidiano escolar sobre as questões de gênero e sexualidade.

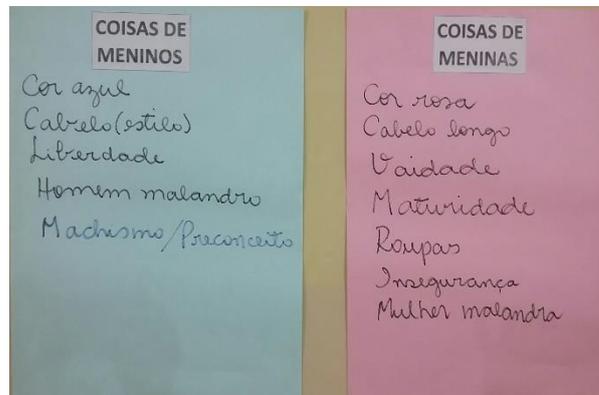
Um aluno, último a entregar o questionário, tinha “pulado”, deixado de responder a pergunta que questiona o sexo dele: “Como você se identifica?” O estudante ainda não tinha marcado a referida questão e perguntou: - “E esse sexo aqui, eu vou marcar o quê?” Ao questionar se o mesmo era do sexo masculino ou feminino, ainda teve dúvida e demonstrando não entendimento marcou que era do sexo feminino. Mais uma vez foi questionado a ele sobre o sexo a que pertencia e assim, revelando-se homem, apagou marcando no sexo masculino [...]. (ANOTAÇÕES DA PESQUISA, Novembro, 2017, grifos da pesquisadora).

Tal situação desvela o (des)conhecimento e dúvidas dos/as estudantes quanto ao sentido e aplicabilidade dos conceitos de sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual, pois essa demarcação da própria identidade em relação ao sexo foi compreendida pelo aluno associando-a à sua orientação sexual, se era homossexual ou não, dificultando a própria auto-identificação. Quando questionados/as sobre a identidade de gênero, orientação sexual e como se reconhecem, eles/as olhavam assustados/as e logo diziam: “Essa pergunta tem que ser explicada”; algum/a estudante falou: “É para marcar se é ‘viado’ ou ‘sapatão’ é?”, outros/as ao marcar a opção “heterossexual” ainda anotaram em seus questionários as expressões: “mulher”, “homem”, “homem e mulher”.

Pelas situações destacadas, é preciso pensar como os sujeitos em sua condição juvenil se expressam numa perspectiva de gênero, visto que os/as jovens estudantes foram solicitados/as a se identificarem como homens ou mulheres e se reconhecerem em relação a uma orientação sexual. Neste sentido, pode-se dizer que o sexo é biologicamente dado e o gênero é cultural e social, tratando-se, portanto, de duas coisas distintas, porém intimamente interligadas. A questão da diversidade sexual, principalmente, não é compreendida pelos/as estudantes e emerge daí que é preciso tentar entender qual a compreensão deles/as em alguns conceitos sobre as relações de gênero, como elas são questionadas, expostas e vivenciadas na escola.

Essas situações direcionaram para uma roda de diálogo, realizada na segunda tertúlia dialógica cultural intitulada Juventudes, sexualidade e relações de gênero, cujas discussões indicaram diversas pistas e linhas de análise, como possibilidades para as práticas escolares. Esta atividade foi iniciada com a contextualização da temática a ser abordada e que foi introduzida a partir dos cartazes Coisas de meninos X Coisas de meninas, nos quais os/as participantes foram apresentando características para os gêneros.

Figura 01. Coisas de meninos X Coisas de meninas



Fonte: Informações da pesquisa, 2018.

Quando questionados/as sobre o que caracterizam o ser homem e o ser mulher, uma das participantes destacou logo a relação com as cores azul e rosa e, completou dizendo que, desde bebê, as famílias já fortalecem que azul é de menino e rosa de menina e já vão demarcando as relações de gênero como se algumas coisas pudessem para o menino e não para a menina e vice-versa. Na sequência, um jovem pontuou sobre o estilo do cabelo distinguindo que para os meninos é curto enquanto que para as meninas é cabelo longo e, finalizou dizendo que “mulher de cabelo curto fica esquisita”. (VERDE, H, 2018).

Ao serem mais uma vez questionados/as outra jovem revelou que “as mulheres são mais vaidosas que os homens”. (VERMELHO, M, 2012). Outra participante contrapondo à fala anterior afirmou que “nem tanto, pois tem homem que é pior que as mulheres no quesito vaidade”. (ROXO, M, 2018). Outras narrativas foram expostas pelos/as jovens estudantes que expressam a construção de comportamentos e formas de ser masculino e como os grupos de convivência (família, religião) participam ou influenciam nessas construções.

Destaca-se pela análise de algumas narrativas que há diferenças na forma como homens e mulheres são tratados/as e educados/as, pois, socialmente, vai se construindo uma versão sobre essa diferença que coloca os homens como mais privilegiados que as mulheres. A diferença que existe vai se transformando em uma desigualdade de direitos como se observa nos horários que chegam e locais que frequentam, assim como sobre a responsabilidade e cuidado na vivência da sexualidade, conforme demonstram as falas de Vermelho, Verde e Bege:

A liberdade dos meninos é maior, ele pode, ele é macho, enquanto que para nós chega trinta minutos a mais do que a hora para ver. [...] As meninas têm que ter todo o cuidado, a responsabilidade é toda nossa. (VERMELHO, M, 2018).

É, os meninos saem de casa num dia e chega na outra semana e as meninas não. Os meninos quando saem de casa, dizem ‘Já fui mãe’. Quando a mãe pergunta que horas vou chegar, eu

digo: - Eu vou saber. Os meninos vão chegar no outro dia.
(VERDE, H, 2018).

Só presta para engravidar e deixar para nós cuidar. (BEGE, M,
2018).

As desigualdades sociais entre homens e mulheres não manifestam apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, porém, a ideia de “inferioridade” feminina foi e é construída socialmente ao longo da história determinando uma hierarquia entre os gêneros. Os meninos crescem acreditando que existe uma superioridade masculina em relação às meninas, em favor do masculino como ponto referencial nos diferentes contextos sociais, que ainda conservam o modelo e definição da sociedade patriarcal, heterossexista e machista.

A construção da masculinidade de cada homem, de acordo com Fernando Seffner e Luciano F. da Silva (2014), acontece a partir do modelo de masculinidade hegemônica sempre destacada e reforçada, seja pela mídia, escola e igreja e, ao mesmo tempo pelos modos de viver a masculinidade no dia a dia e como construiu sua própria trajetória masculina no contexto social e familiar.

Considerando as relações de gênero estabelecidas entre eles/as, percebemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. Ao analisar como compreendem tais relações, observa-se como os discursos hegemônicos e essencializados estão presentes nas falas deles/as, pois a discussão sobre as relações de gênero não se reduzem às diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais e nas formas de representação, e exigem pensar e questionar as relações de poder envolvidas, visto que ainda existe um padrão heterossexista que coloca a mulher “no lugar” de submissão.

Assim, segundo Louro (1997), é preciso desconstruir os binarismos de um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros que, na maioria das vezes, concebem homem e mulher como polos opostos, uma vez que pela expectativa hegemônica da heteronormatividade, os sujeitos são categorizados e estigmatizados para atenderem o padrão de normalidade definido pelo conjunto de oposições binárias com os seguintes pares: homossexual/heterossexual, homem/mulher, masculino/feminino, etc.

Outra questão observada são as performances de masculinidades que estavam presentes nas falas dos meninos, durante a segunda tertúlia dialógica cultural, quando eles demonstravam certo “machismo” pelas opiniões e analogias feitas a determinados comportamentos, quando expressam: “a mulher namora mais” (MARRON, H, 2018), “mulher tem hora que quer namoro” (GRAFITE, H, 2018) e, pelas diferentes adjetivações que são atribuídas às mulheres: “não se chama mulher de malandra, chama-se mulher de ‘mala’” (VERDE, H, 2018, grifo da pesquisadora). Ainda, expressam comentários às pessoas de outra orientação sexual: “as coisas para os homens estão sobrando pouca coisa” (VERDE, H, 2018). Desta forma, acabam reforçando a masculinidade hegemônica que se constrói “[...] não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade [...], proclamando sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade”. (LOURO, 2000, p. 69-70).

Além dos excertos das falas anteriores, a narrativa de Roxo (2018) também apresenta uma situação que reforça o entendimento preconceituoso e machista

sobre alguns padrões associados ao ser homem e o ser mulher e hierarquiza diferenças que, socialmente, vão construindo relações de poder e transformando as diferenças em desigualdades de direitos.

A questão do respeito está ficando raridade. Os meninos acham que quando uma menina tá com um mini short, uma minissaia, uma mini blusa eles têm que tá olhando, tem que tá pegando, tem que tá falando coisas que não são, assim, agradáveis. São meio machistas. Às vezes até os jovens da cidade quando saem para algum povoado ou até alguma menina de um povoado acham que por que eles são da cidade, eles têm o direito de chegar numa menina, chegar já beijando, chegar para ela já passando a mão, chegar já falando o que quer, isso a maioria, os da cidade. (ROXO, M, 2018).

A partir das narrativas acima, vimos que as questões de gênero ainda se concentram na identidade masculina como padrão de referência, ao passo que o feminino e os outros sujeitos com identidades historicamente subjugadas ficam invisibilizados/as, a partir dos padrões de masculinidade e de heteronormatividade. Segundo Louro (2018, p. 20), “[...] a escola pratica uma pedagogia da sexualidade que leva ao ‘disciplinamento dos corpos’”, fortalecendo e legitimando as identidades e práticas hegemônicas, enquanto subordina, reprime e silencia outras identidades, aliando-se a outras instâncias sociais, como família, escola, mídia, igreja, etc.

Discutir questões de gênero na escola implica em problematizar os padrões de gênero essencializados na sociedade e, conseqüentemente, na escola. Considerando a diversidade cultural presente no contexto escolar cabe à escola pensar em uma proposta de educação, na qual as múltiplas relações de gênero e sexualidade estejam presentes como “pistas” para a desconstrução dos discursos e padrões de gênero naturalizados pela escola, abrindo espaços para a manifestação da “identidade e a diferença como construções sociais e culturais”. (SILVA, 2014, p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das situações, informações e conhecimentos apresentados destacamos o silenciamento que emerge na dinâmica escolar para a questão da diversidade no que se refere às questões que envolvem a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual e geracional, entre outras, visto que a maioria dos/as jovens estudantes apresenta pouco conhecimento sobre os aspectos de sua constituição identitária. No que se referem às práticas escolares, os/as jovens estudantes, participantes da pesquisa, revelam que a instituição escolar não trabalha as questões da sexualidade e relações de gênero, de forma aprofundada e/ou específica.

Porém, a partir da prática profissional desenvolvida na escola, por uma das autoras, constatamos algumas ações realizadas de forma esporádica, visto que, na maioria das vezes, reduzem a discussão da sexualidade na juventude aos temas da gravidez na adolescência e prevenção às infecções sexualmente transmissíveis,

com todos/as os estudantes juntos/as, impossibilitando-os/as de expor suas dúvidas e questionamentos e esclarecer suas incompreensões sobre os assuntos mencionados.

Desse modo, uma questão emergente ou uma das “pistas” possíveis para a escola, como instituição social e como espaço privilegiado de formação, é tensionar discursos, atuar na (des)construção de preconceitos, propondo rupturas e inquietações no modelo hegemônico que marca o cotidiano escolar. É preciso que a escola assuma o desafio de traduzir e valorizar as expectativas dos/as estudantes e questione as dificuldades dos/as professores/as em lidar com a diversidade na escola, problematizando as práticas curriculares a fim de contemplar as diversas expressões da diversidade, inserindo-as em suas atividades, programas e projetos didático-pedagógicos.

Enfim, pensar relações de gênero na escola implica desnaturalizar as desigualdades sociais entre homens e mulheres e combater a heteronormatividade, compreendendo as diferentes formas de masculinidade e feminilidade constituídas socialmente, de formas diversas das hegemônicas. Trata-se de pensar em uma nova escola, novo currículo, nova organização, na qual os/as jovens estudantes, homens e mulheres, sejam a centralidade da cultura escolar, valorizando seus interesses e expectativas e considerando a diversidade presente.

Invisibility of gender and sexuality questions: dialogues with young students in a high school

ABSTRACT

This article approaches gender and sexuality questions in connection with identity, from a research realized with students in a High School. It presents contributions of Post-critical theories in Education associated with contemporary dialogues about youth, trying to understand the realities of participants and how their cultural identities are constituted. The methodological option of this research considered the qualitative approach for the direct contact with the studied situation, through etnopesquisa with participant observation and also questionnaires and cultural dialogues to build the information with the (boys and girls) participants. Thus, this study indicates these students look for greater spaces of expression and affirmation of their identities and, simultaneously, indicate the school needs to rethink about pedagogical practices developed in its context, for value interests, expectations and the present diversity.

KEYWORDS: Youth. Diversity. Gender identity. Sexuality.

Invisibilidad de las cuestiones de género y sexualidad: diálogos con jóvenes estudiantes en una escuela secundaria

RESUMEN

Este artículo aborda cuestiones de género y sexualidad vinculadas a la identidad, a partir de la búsqueda realizada con jóvenes estudiantes de una escuela secundaria. Presenta contribuciones de las teorías post-críticas en educación vinculadas a los diálogos entrelazada a los diálogos contemporáneos sobre la juventud, buscando comprender la realidad de (los) (las) participantes y cómo constituyen sus identidades culturales. La opción metodológica de la búsqueda consideró el abordaje cualitativo por el contacto directo con la situación estudiada, a través de la pesquisa étnica con la observación participante y, también, cuestionarios y ruedas de charlas dialógicas culturales para a la construcción de las informaciones junto a (los) (las) participantes. De ese modo, el estudio apunta que (los) (las) jóvenes estudiantes buscan por mayores espacios de expresión y afirmación de sus identidades, al mismo tiempo que indica la necesidad de repensar las prácticas pedagógicas desarrolladas en su contexto, para valorar sus intereses y expectativas y considerar la diversidad presente.

PALABRAS CLAVES: Juventud. Diversidad. Identidad de género. Sexualidad.

NOTAS

¹ A Tertúlia Dialógica cultural é uma atividade adaptada a partir da Tertúlia Literária Dialógica, que consiste em uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir de livros da literatura clássica universal. Seu objetivo é promover espaços de diálogo igualitário, baseada nos princípios da aprendizagem dialógica. Conforme a abordagem feita por Mello (2003), o diálogo igualitário pressupõe o encontro dos/as participantes em sala ou outro espaço educativo, considerando a validade dos argumentos e, não a relação de poder de uns sobre os/as outros/as.

² Considera-se como mudança de condição, neste trabalho, os seguintes motivos: não renovação da matrícula, transferência de turno ou de escola, mudança de residência para a cidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Sílvia M. C; BARBOSA, Joaquim G. Etnometodologia multirreferencial: contribuições teórico-epistemológicas para a formação do professor-pesquisador. **Educação & Linguagem**, Ano 11, n 18, p. 238-256, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/117>. Acesso em: 19 mar. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

COSTA, Marisa V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 91-115.

CRESWELL, John. W. **Investigações qualitativas e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso 2014.

GODOY, Elenilton V; SANTOS, Vinício de M. Um olhar sobre a Cultura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, Nº 03, p. 15-41, Julho-Setembro 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a02.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>. Acesso em: 24 jan. 2019.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**, 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 7-42.

LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto

Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/46833/29119>. Acesso em: 10 dez. 2018.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELLO, Roseli R. de. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. **Contrapontos** – Vol. 3, n. 3, p. 449-457 - Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/740/591>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

PETRY, Analídia R; MEYER, Dagmar E.E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>. Acesso em: 18 jun. 2017.

POUPART, Jean et. al. **A Pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano F. da. Canetas coloridas ou mini-skates? coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, RS, v. 13, n. 26, p. 31-60, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/3255/1849>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo, 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

Recebido: 27 dez. 2018.

Aprovado: 27 jan. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.9258

Como citar: SILVA, Edilania de Paiva, DOURADO; Emanuela O. Carvalho. (In)visibilidade das questões de gênero e sexualidade: diálogos com jovens estudantes em uma escola de ensino médio. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 17-32, jan./jun. 2019.

Correspondência: Edilania de Paiva Silva Rua Cirilo Tavares Siriema, 107, Casa, Centro, São Gabriel - BA, 44915-000.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

